

8

**OITAVO
CONCURSO ANUAL
DE LITERATURA**

CRÔNICAS

O Departamento de Letras novamente realizou seu Concurso Literário que, desde 1981, vem premiando poetas de Sorocaba e região. Este ano, pela primeira vez, os participantes concorreram com crônicas inéditas, e o evento teve a co-promoção do **CEMSO** (Centro Musical de Sorocaba - Cultural e Artístico). A comissão julgadora, formada pelos professores: Maria Flávia Camargo Steffen, José Duarte Vannucchi e Ana Maria Gurgel de Oliveira Gonzalez, selecionou os seguintes trabalhos dentre os oitenta e oito inscritos:

- 1º lugar - "QUASE SETEMBRO..." de **Maria Virgília Frota Guariglia**;
- 2º lugar - "BALADA DE UM AMOR ENVELHECIDO" de **Edna da Silva**;
- 3º lugar - "O PROMOTOR PÚBLICO E O CABO PM" de **Walter Antonio Dias Duarte**;
- 4º lugar - "O ESPELHO" de **Clinio Jorge de Souza**;
- 5º lugar - "CARTA AO AMIGO JOÃO DO VOCATIVO" de **José Jesus Vicente**.

Os prêmios, em dinheiro, oferecidos pela **Overseas Turismo Ltda, Livraria Prosa e Verso e Fundação Dom Aguirre**, foram entregues em sessão solene, no dia 30 de novembro, às 20h, no salão nobre da Faculdade. Esta solenidade contou com a participação do Madrigal "**Nilson Lombardi**", sob a regência de Tércio Lucas Toffolo Ayres, e com o trabalho de dramatização das crônicas vencedoras, feito pelos alunos do Curso de Letras, Teresa Margarete Baddini Keller e Waldecir Rocha Pinto.

A Revista de Estudos Universitários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, que tem publicado anualmente os poemas vencedores, divulga, a seguir, as cinco crônicas premiadas.

1º Lugar

QUASE SETEMBRO...

Tardezinha. Talvez seis horas. De repente, eu me lembrei de que precisava ir ao "Shopping" buscar uma encomenda. Entre apressada e aloucadamente, saí de minha casa a ver se chegava a tempo de encontrar abertas as lojas. Buscando caminhos mais curtos, topei com uma ruela que me pareceu sem saída. E, na verdade, dela não saí... a não ser quando consegui me refazer, parcialmente, daquele encanto, daquele encontro.

Quedamo-nos um diante do outro. Perplexos. Não havia palavras, nem sei se havia olhos. Recuar... impossível! Não podia haver antes, nem depois. Tínhamos de nos dar aquele minuto de felicidade, inefável, completo, unindo chão e céu. Enfraquecido, o pensamento emudeceu.

No remido silêncio da tarde ainda não acabada, mas, aos poucos, já engolindo a cidade, diluindo-lhe as formas, rabiscando-lhe a silhueta no horizonte violáceo, saudosa do instante perdido, num frêmito de gozo abri meu corpo, abandonadamente, ao amor...

Entre os muitos instantes de nossa vida ficou aquele. Talvez o prólogo, quem sabe e epílogo. Fadado à saudade, mas não ao esquecimento. E a presença diáfana que se desvaneceu, para retornar, talvez, dali a um ano, não era o irmão, não era o amigo, não era o amado. Era um ipê... estupidamente dourado!

MARIA VIRGÍLIA FROTA GUARÍGLIA

2º Lugar

BALADA DE UM AMOR ENVELHECIDO

O velho passava todas as manhãs em frente à casa caiada rodeada de azáleas e ibiscos - um ritual de anos e anos testemunhado por muitas primaveras, cânticos de pássaros e invernos que tingiram os cabelos de branco.

A velhinha que ali morava ficava à espera do velho com o coração batendo criançamente, enquanto conversava com as margaridas num monólogo inaudível para nós mas absorvido pela sensibilidade das plantas.

Ambos se amavam num silêncio envolvente e envelhecido. Amor gerado e cultivado há muitos e muitos anos. Paixão ardente, enxoval de rendas, bilros e crochê-filet tecidos carinhosamente - cada trama um sonho, cada sonho um suspiro. Esses devaneios foram sugados pela palavra patriarcal que naquela época imperava de forma absoluta, soberana sobre quaisquer sentimentos ou pensamentos - assim precisaram sufocar o que sentiam. A família mandou-o à Europa onde se fez homem, conheceu gentes mas barrou sua porta. Ela ficou aqui, estudou o íntimo das pessoas mas interceptou seu mundo.

Muitas árvores brotaram e se transformaram em papel, meninos nasceram e se fizeram pais, caminhos se tornaram estradas, águas foram desviadas...

Ele voltou da Europa com o rosto bem enrugado e se instalou na rua paralela à casa dela, pois as suas vidas sempre foram paralelas. Os que residiam ao redor do velhinho contavam diversas histórias. Diziam que tinha trauma de guerra, mas desconheciam a batalha travada entre a razão e o coração. Falavam de convulsões, febre muito alta, mas não sabiam do delírio do amor decepado e quando ele dedilhava no piano as valsas de Strauss os jovens julgavam-no "por fora".

Ela continuava na casa de antes entre móveis velhos com toalhas de bilros amareladas, quadros de rostos inexpressivos nas paredes e cheiro de sonhos desfeitos no ar. Não havia grito de criança-esperança, olhos arregalados de gula, mão-ternura suja de chocolate. Não surgiram novas gerações - tudo se estagnou há dezenas de anos passados. As ervas daninhas encobriam boa parte do muro úmido que a separava dos vizinhos que nunca entenderam o diálogo surdo de uma velha e uma flor. Uns chamavam-na de louca, outros de "gagá" mas nunca tiveram condições de assimilar a sua pureza.

Ontem o velho não passou e nem a velha abriu a janela.

Hoje a vila está comentando que ambos morreram solitariamente - cada um na sua casa.

Não há mais som de piano nem conversas com plantas mas guardarei na memória o desencontro de duas vidas que se encontraram no momento da partida, colhendo margaridas enquanto Strauss tocava valsas.

EDNA DA SILVA

O PROMOTOR PÚBLICO E O CABO "PM"

Recém-ingressado na carreira, após traumatizantes exames, lá ia eu com destino a Itapetininga, minha primeira comarca. Dirigindo meu fusquinha azul-pavão, todo eufórico. Saíra de Cerquilha há mais ou menos meia hora. Roncando o motor, feliz na estrada. Na minha pequena cidade, os amigos demonstravam contentamento, não sem exprimir uma infantil curiosidade. Também, pudera! Pela primeira vez Cerquilha paria um profissional dessa espécie: um Promotor Público. Eu procurava satisfazer todas as curiosidades.

Apenas me aborrecia seriamente, embora sem demonstrá-lo, quando os conhecidos, cumprimentando-me pelo sucesso com amáveis palmadas nas costas, sentenciavam quase profetizando: "Tenho certeza de que um dia você chegará a Juiz!". Curioso, essa irritação, a provocada quando alguém me atrela por baixo à figura do Juiz, acompanha-me até hoje. Encontro dificuldade para superar e conviver com tal ignorância alheia. Bem, afinal de contas somos um país visceralmente empolgado com a hierarquização de tudo. Há uma espécie de segurança nisso. Aliás, há poucos dias eu folheava um jornal de província, onde o repórter começava assim a notícia: "O Prefeito Municipal, autoridade máxima da cidade, ...". Ora, bolas! Confesso que durante algum tempo eu fiquei me desmanchando para mostrar a falta de ligação entre as atividades do Juiz e as do Promotor, respeitáveis como tantas outras, mas agora já desisti. Não sei por que isso ocorre. Provavelmente razões culturais, certamente influência cristã, quiçá pelo fato de o Juiz trabalhar sobre um estrado, o que o coloca num plano fisicamente mais alto. O fato é que colocamos tudo em degraus. Por outro lado, penso que o máximo que até hoje atingimos como seres humanos reside na possibilidade de vermos o Homem como inocente ou como culpa-

do. Não vamos além disso. E tal circunstância está tão impregnada em nós, que acreditamos que, após a morte, haverá um grande julgamento. Seremos eternamente culpados ou inocentes. Bem, só sei que me aborreço com isso, com essa mania de Promotor que chega a Juiz.

Fui arrancado subitamente desses meus devaneios. A uns cento e cinquenta metros de onde eu trafegava, um guarda rodoviário, à beira da pista, acenava com o braço direito. Não de forma agressiva, prometendo uma multa, mas solicitando cortesia de transporte.

Prosseguimos viagem. Um senhor, sufocado pelas compridas botas que vestia, e naquela roupa apertada. Dois "VV" invertidos bordados nas mangas, denunciavam seu posto: um Cabo.

Depois de algum tempo, de forma monossilábica, perguntou, quase afirmando, isso talvez pela placa do veículo, se eu era de Cerquilho. "Sou", respondi. Silêncio. Mais alguns quilômetros, nova pergunta, se eu trabalhava em Itapetininga. "Trabalho". Aparentemente satisfeito, quedou-se, abraçando a grande bolsa de lona que trazia ao colo. Eu o olhava de soslaio, e tinha a impressão de que ele também dessa forma me olhava. Devorada boa parte de asfalto, nova pergunta: "O que o senhor faz em Itapetininga?" "Sou funcionário público". "Mas, onde trabalha?" "No fórum". Novo silêncio. Como a reunir forças, ficou quieto alguns minutos, e voltou à carga: "Mas, ... faz o quê?" "Sou Promotor Público". Aí ele não se conteve: "Ahn! ... Mas o Juiz é mais que o senhor!?". Essa pergunta-quase-afirmação agitou-me o sangue. Uma súbita raiva profissional espicou minhas entranhas. Que atrevimento do carona fardado! O aborrecimento foi crescendo. Não conseguia controlá-lo. O primeiro impulso foi parar o automóvel no acostadouro e exigir a saída do incômodo passageiro. Não! Seria extrema grosseria. Pensei, então, em explicar-lhe

as diferenças, com fundamento na ordem constitucional, as normas dos códigos, etc, etc. Não! Ele poderia não entender essa verbosidade (que hoje abandono), e eu ficaria desgastado. Estávamos quase chegando à cidade.

Optei, hoje com certo arrependimento, por uma resposta prática, mortífera como o revólver que ele trazia no coldre, e que se encartasse com precisão no seu provável conceito de hierarquia. Tudo isso ocorreu em segundos, de forma um tanto reflexa. Acionei o gatilho da minha perigosa arma e o vitupei:

- Mas eu sou mais que Cabo da Polícia Rodoviária!!

WALTER ANTONIO DIAS DUARTE

O ESPELHO

Dia desses surpreendi-lhe certo arzinho gozador, daqueles risinhos finos de viés. Mirava-me nele, penteando-me, como de costume, na manhã enjoada da rotina.

Lá fora grunhiam apitos, trânsitos, caras feias... alisava agora uns raros ralos fios grisalhos, poluídos pela chaminé do tempo... e pensava nos tédios abstratos daquela sucessão carcomida de velhos prédios concretos... cartão-de-ponto com seu matinal plim-plim, sirene das sete, burburinho odioso das sete-e-quinze... já lá se iam três anos... e ele ali a minha frente a rir-se... toquei minha boca, a conferir os dois lábios. Não, não era eu o dono do gestinho obsceno. Era ele, sim. E outra, se eu, o real, o que devia ditar as regras do jogo, o proprietário do meu reflexo, eu estava sério, cismadouro, a repassar mentalmente projeções tão críticas e decerto desagradáveis, como poderia assim meu etéreo (ou estéreo) prateado, à revelia minha e de qualquer Física possível, estar-se ali a espelhar um debochado risinho? Fui-me afastando a contragosto e desconfiado, pois estava já a perder hora, mergulhado em tais divagações...

Café magro... mal tomado... após o fatídico plim-plim, sirene-das-sete e papos-da-sete-e-quinze, esqueci-me um tanto do reflexivo incidente e nã lida com os meus parafusos, porcas, chaves e gestos obtusos, resolvi que estava cansado e precisado de umas férias. Pedi-lhas e mandaram-me ir ao departamento dia seguinte para colocar meu pedido dentro dum formulário-modelo-tal como convinha às situações burocráticas daquele modelo, dizer as razões a uma comissão, etc. Tudo estava difícil. A produção precisava de mim.

Noutra manhã, tenso, a pentear-me na fren

te do meu duplo, invejei-lhe a cômoda tarefa. O risinho sumira-lhe convenientemente do vídeo, mas, pensei baixinho, as coisas lhe eram francamente favoráveis. Separava-nos, segundo o pouco que eu sabia, a chamada tridimensão do espaço e tempo. Mas que em isso importava? Certo, eu tinha o espaço todo do universo ao meu dispor, mas não dispunha de meios para ganhá-lo. Que fazia eu do meu espaço? Ir-à-fábrica-voltar-para-casa-missa-de-domingo-almoço-na-casa-da-sogra? Fim de mês era receber uns minguados que dali dez dias acabavam? Antes de a lua tornar nova ir atrás do vale-do-dia-vinte? E do meu tempo, que fazia eu dele? Bom, contei... doze horas (com quatro extras) trabalhando, duas horas no ônibus-metrô-subúrbio pra ir + duas de volta são... hum. hum... se não me falha, são dezesseis... chegar em casa, jantar, falar com a mulher, com os filhos, um palavrão à sogra... hum... vejamos, correndo, dezoito... puxa, é isso! Não tenho tempo, durmo umas cinco horas, faz uma... hum... duas, puxa, acho que três semanas que não... puxa... a mulher tem razão de reclamar, o filho também, a sogra também... e passei a desesperar. Agora, agora... o vagabundo prateado ria-se abertamente da minha cara. Pudera... nunca eu pensara nisso: realmente ele vivia no ócio! De vez em quando espelhar minha cara sofrida, umas e outras ruguinhas à-toas daqui-e-de-lá... depois ché! depois!? Ficar por ali horas e horas gozando os prazeres de uma viagem sem conta e por conta do meu suor sobre parafusos-porcas-e-porcós obtusos? Pensei, lá se vão uns quase quarenta anos que o tenho em casa, folgado, e o espertalhão (agora desavergonhadamente) a gargalhar-se da minha envelhecida caricatura? Quem era o otário? Eu ou ele? Sim... sim (e fui ficando vermelho de ódio...) decididamente era eu o bobo, o condenado, o preso! Toquei-lhe e medi-lhe a desprezível película; pareceu-me fina, fininha, sem resistência, dei alguns passos para trás e zás... mergulhei no seu interior. Mas sua fragilidade era só aparente,

esqueci-me da sua idade... no voar caótico dos cacos ainda pensei que ele era presente caro de uns falecidos padrinhos ricos... diziam que era de cristal... mas já era tarde e um sangue viscoso e abundante escorria das minhas feridas... Quando entrei ele saiu do seu habitat.

.....
Instantes depois, não sei quanto, observei que tudo voltara ao normal: eu estava no éden cá doutro lado a contemplar meu insólito doublê. Vi-o pegar no capote de lã surrado e se evadir cabisbaixo para a rua. De saída, o otário inda teve a ousadia de vir pentear-se e aproveitei rir-me e gargalhar-me vingativamente da sua cara assustada. Pareceu-me pensar um pouco... após, bateu a porta, e minha mulher o xingou pelo barulho. Lá se foi ele, o otário, sustentar minha casa, filhos, viajar por subúrbios, ruas apinhadas, agüentar missa, sogra, patrão e mulher. Nestes termos detive-me um tanto chateado. Será que eu poderia escapar daquela moldura? Será que ia suportar vê-lo a substituir-me na hora (ou minuto) do amor? Depois sosseguei... fosse ele e minha, agora sua, mulher pro inferno... são quase quarenta anos sem folga. Eu era o outro agora!

Estranho era o sangue, as feridas, o buraco da entrada, tudo haver sumido. Sentia-me assim um pouco tonto mais luminoso, etéreo. Pela primeira vez, leve e descansado. Ufa! Afinal de férias!

.....
À noite tive pesadelos e sede e nas dobras deste tempo cá deste lado não achei água. De manhã meu duplo apareceu-me visivelmente tenso e abatido. À minha frente penteou-se e teve muito trabalho para refletir seus gestos, apressados e trêmulos... ele parou um pouco a pensar, quedei-me também a imitá-lo... ele recuou uns passos, e eu também... veio correndo sobre mim, e eu igualmente sobre ele...

CLINIO JORGE DE SOUZA

5º Lugar

CARTA AO AMIGO JOÃO DO VOCATIVO

Amigo. Espero que essas mal traçadas linhas lhe encontrem gozando de muita saúde e bastantes felicidades.

Sabe, João, faz tanto tempo e tenho tantas coisas para lhe dizer que nem sei por onde começar.

Continuo morando no mesmo lugar, só que não na mesma casa, moro nos fundos da mãe; casei (com a Silvinha, filha da D. Olinda) e já tenho uma menina, devendo pintar novidade para outubro. Aqui mudou tudo. Cresceu barbaridade; quase tudo asfaltado; igreja nova (mas continua sendo de São Benedito); postinho de saúde, até ônibus de hora em hora. A venda do seu Arlindo é agora um mercadão que nossa! Tem tudo aqui, só que, apesar de tudo isso, tem menos vida que na nossa época de molecote.

Ah, esse ano fui campeão de várzea pelo time do seu Tônico, aquele que queria fazer você se casar com a sobrinha dele, a Ivone, lembra?... Ganhou no mesmo ano e já está na escolinha o guri. Falando em escola eu voltei a estudar. Foi construído um ginásio novo, na rua de casa - onde era o campo velho. Estou encantado com a Língua Portuguesa.

Aprendi pouco até agora, afinal voltei esse ano!

Não. Não aprendi identificar advérbio, mas a conjunção, o artigo, o adjetivo e o verbo são fáceis; de preposição também pouco entendo. Ah, a interjeição está no papo e o meu numeral na classe é o dez.

Outra coisa que me encabula é a próclise, a ênclise e a mesóclise. Às vezes me perco, sinto-me atrapalhado e atrapalhar-me-ei todas as vezes que tiver que usar os pronomes oblíquos átonos. São compli

cados, mas magníficos.

A acentuação gráfica, até o momento, só aprendi a regra das proparoxítonas, mas sei o que é um hiato, um encontro consonantal, não falho em dígrafo e o ditongo está na ponta da língua.

Estamos, nessa semana, estudando o verbo no gerúndio; locução verbal e particípio foram estudados na semana passada. O pretérito mais-que-perfeito eu já aprendera. O pretérito perfeito também já aprendi; o futuro do presente estudei brevemente. Se eu soubesse, não seria condicional, estava usando pretérito do subjuntivo e não pretérito imperfeito do indicativo.

A professora nos ensinou, há poucos dias, figuras de estilo e de construção e vi com meus próprios olhos que o pleonasma é interessantíssimo e que a silepse mostra que o estudante temos muito que aprender. É por isso que estudo, e luto, e trabalho, e esforço-me para aprender o polissíndeto, chega-me, às vezes, formar um zum-zum em minha cabeça quando ouço falar em onomatopéia ou elipse...

Dias desses minha professora estava explicando e eu prestando atenção sobre elipse, então, ela disse que meus olhos são duas jaboticabas quando eu ouço falar alguma metáfora e que quase quebro o braço da cadeira quando faço exercícios sobre catacrese.

João, eu, seu amigo, aposto que vou aprender tudo na Língua Portuguesa, até o aposto.

Vocativo, desculpe-me se prendi o assunto somente sobre minha escola. É que estou empolgado com a beleza de nossa língua.

Recebe tu, imperiosamente, lembranças de todos daqui e que Deus lhe abençoe.

Seu amigo,

João Metalingüístico da Silva

JOSÉ JESUS VICENTE